

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Ceixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha	Assignatura conjunta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa		
Anno.....	48000	PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA	
Semestre.....	24000	Anno.....	8000 Trimestre.....
Trimestre.....	18000	Semestre.....	4000 Mez (em Lisboa).....
			25000 700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario

Capa: O NOVO COMMENDADOR DE S. THIAGO: ACTOR JOÃO ROSA (cliche Bobone) • Texto: PEIXE DE AGUA DOCE, 8 illustr. • MISSÃO DE PIEDADE: EL-REI NO HOSPITAL DA ESTRELLA, 3 illustr. • UMA EXCURSÃO ARTISTICA, 6 illustr. • A ISABEL DE ARAGÃO, RAINHA DE PORTUGAL, 2 illustr. • CALDAS E SERRA DO GEREZ, 9 illustr. • LÁ POR FORA, 3 illustr. • LORD TENNYSON E PORTUGAL, 12 illustr. • UM DEBUTE NO CAMPO PEQUENO, 3 illustr. • AS CRIANÇAS PORTUGUEZAS SÃO BELLAS E FORTES? 6 illustr. • PORCELANAS PORTUGUEZAS, 6 illustr. • UMA GARRAIADA EM ALGÉS, 5 illustr. • • • • •

1840

BELEZA DO ROSTO

O LEITE ANTEPHELICO
ou **Leite Candêdo**

para os cutisados com aqua, diáspiro
Sardas, Tor Crestado
Pinta-Rubra, Borbulhas
Rosto Sarabulhato e
Furunculose, Rugas e
Sobreviva a cutis

1840

1840

BELEZA DO ROSTO

O LEITE CANDÊDO
ou **Leite Candêdo**

para os cutisados com aqua, diáspiro
Sardas, Tor Crestado
Pinta-Rubra, Borbulhas
Rosto Sarabulhato e
Furunculose, Rugas e
Sobreviva a cutis

1840

DISCOS Simplex

De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertório em musica e canto dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de J. CASTELLO BRANCO. — Preços excepcionaes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machinas falantes. Pedir catalogos. **J. CASTELLO BRANCO, Rua de Santo António, 32, 34 e 82—Lisboa.**

Livraria da **CASA ANDRADE**
DE 52, Rua Maciel Pinheiro, 52
Paula & Andrade Parahyba do Norte **BRAZIL**
Aceita consignação de LIVROS e REVISTAS de qualquer país

PASSADO, PRESENTE E FUTURO REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE E PHYSIIONOMISTA DA EUROPA

MADAME BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chronomias, chronomias, chronologia e physiognomonia e pelas applicações practicas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrze, d'Arpenigney, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada peios numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Das consultas diarias, das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: **43, Rua do Carmo, sobre-loja — LISBOA.**
Consultas a 4\$000 rs., 2\$500 rs. e 5\$000 rs.

PARFUM

FLORAMYE

L.T. PIVER
PARIS

PRINCIA VIOLETT
 NOUVEAU PARFUM
 20, Bd DES ITALIENS, PARIS

AGUA CASTELLO

PREMIADA em varias EXPOSICIONES e FORNECEDORA de CASA REAL

Companhia
***** DO *****

Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada
Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobretirinho (Thomas), Pensão e Casal d'Hermio (Lousã), Valle Maior (Alberca) e garia-a-Velha. **

** Escriptorios e depositos **

LISBOA — 270, Rua da Princesa. 276
PORTO — 49, R. de Passos Manuel, 51

Ender, telegr.: *Lisboa, Companhia Prado-Porto — Lisboa, N.* telephon. 508

NOVO DIAMANTE AMERICANO

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a **500** réis, broches a **800** réis, brincos a **1\$000** — a nossa casa — réis o par, Lindos collares de perolas a **4\$000** réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. **96, RUA DE SANTA JUSTA** (Junto ao elevador).

NÃO CONFUNDIR

Gaston Lot

PROTHESE DENTARIA

EXTRACÇÃO
do dentes sem dor desde 200 rs.
Collocação de dentes desde 1\$000 réis.

Consultorio cirurgico-dentario, R. das Chagas, 42,1.
(Ao Calhariz)
TELEPHONE 1882

SEIOS

Desenvolvidos. Reconstituídos. Afirmezados. Fortificados com as **"Pilules Orientales"**

O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar damno algum á saude. — Aprovado pelas notabilidades medicas.

J. Ratié, Pharmacien,
5, passage Verdun, PARIS.
Frasco com instruções reis 1500 franco, para valle do correio enviado a:
J. P. Bastos & C. 3p, Rua Augusta, Lisboa.

PEIXE DE AGUA DOCE

ESTAÇÃO AQUICOLA DO RIO AVE



Nas margens do Ave

A aquicultura, principio fundamental d'uma grande industria e base d'uma riqueza incomparavel, começou a tomar desenvolvimento depois que o tenente austriaco Jacoby obteve a fecundação artificial dos ovos dos peixes e que a França creou o estabelecimento piscicola de Huningue, na Alsacia.

Embora a reprodução de alguns peixes seja assombrosa, grande é o numero de ovos não fecundados e muitas são as causas de destruição a que estão sujeitos, assim como os peixes nas primeiras epochas do seu desenvolvimento, e d'ahi o valor da piscicultura artificial que garante o repovoamento dos cursos d'agua.

Os estudos de Coste, notavel professor do Collège de França, e a propagação do sabio naturalista Quatrefages conseguiram fomentar o movimento piscicola que no ultimo seculo se propagou a toda a Europa e aos Estados Unidos da America do Norte, onde tomou notavel incremento.

Portugal foi das nações que mais tarde pensou no despovoamento rapido e continuo dos seus cursos d'agua e na perda dos importantes elementos que elles pôdem fornecer á alimentação publica.

A' commissão central permanente de piscicultura se deve o inicio da piscicultura artificial entre nós, pois foi um dos seus membros, o sr. Augusto Nobre, que em sessão de 22 de junho de 1893 propoz e apresentou o projecto para o estabelecimento de uma estação aquiicola destinada a produzir e desenvolver ovos e embryões das principaes especies de agua doce, para serem distribuidos pelos rios do norte do paiz, promovendo assim o seu repovoamento.

O conselheiro Bernardino Machado, então ministro das obras publicas, auctorisou a criação da estação com séde no rio Ave, e Carlos Lobo d'Avila, por portaria de 8 de fevereiro de 1894, mandou construi-la.

O primitivo projecto da estação aquiicola era modesto em demasia, mas ainda assim muitas foram as difficuldades havidas para o levar a effecto.

Quando o conselheiro Manuel Francisco



A actual estação aquiicola do rio Ave

de Vargas obteve a promulgação do decreto de 24 de dezembro de 1901, que permite aos serviços florestaes consignar as suas receitas ao desenvolvimento da arborisação e aquicultura, a Direcção Geral de Agricultura logo emprehendeu a transformação da pequena e acanhada estação do Rio Ave (fig. 1), ampliando-a e dotando-a com

os aperfeiçoamentos necessarios, a fim de poder desempenhar o papel a que se destina e a collocar a par das similares estações estrangeiras.

No seu distincto director, o sr. Augusto Nobre, encontrou um auxiliar fanatico pelo progresso d'aquelle estabelecimento e desde aquelle anno os melhoramentos teem-se succedido, devendo no fim do proximo verão estar completamente transformada e concluida.

A estação aquícola do Rio Ave (fig. 2) pode já ser considerada uma das me-



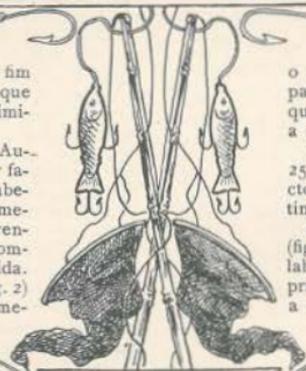
lhores estações do seu genero e produzir annualmente dois milhões de peixes proprios para a repovoação das aguas interiores.

Possue dois laboratorios de incubação, um, (fig. 3) destinado especialmente á cultura de salmonídeos, tem $16^m \times 9^m,5$ e contém 34 caixas de incubação de 3 metros de comprimento por $0^m,4$ de largo,

o outro (fig. 4) tem $9^m,5 \times 9^m,5$ e aparelhos de vidro destinados a ovulos que necessitam de ser agitados durante a sua evolução, como o savel.

Para a estabulação das creações ha 25 tanques (fig. 5 e 6) e para reprodutores tem 12 tanques e uma lagôa destinada a carpas e tencas.

Como se vê na reprodução da planta (fig. 7) o edificio da estação, além dos laboratorios de incubação, tem como principaes dependencias, no rez-do-chão, a cosinha onde se prepara a alimenta-



Laboratorio de incubação para salmonídeos

— Tanques de estabulação das criações



O laboratorio scientifico da Estação

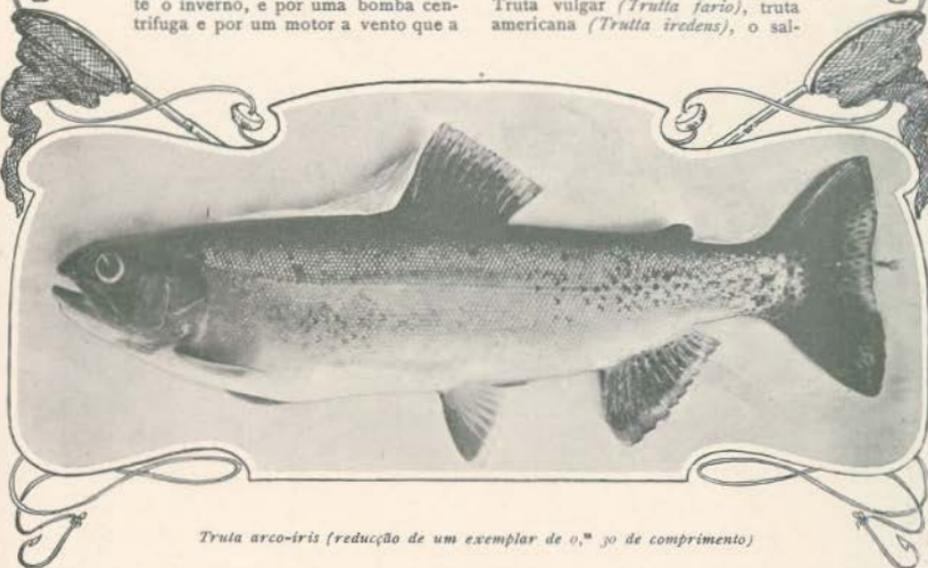
ção dos peixes, sala para museu, gabinete do piscicultor, laboratorio d'estudo para este e para os individuos — alumnos de escolas agricolas ou estudiosos — que ali queiram instruir-se, quarto do guarda e casa das machinas elevatorias d'agua, e, no primeiro andar, aposentos, bibliotheca e salas de trabalho do director.

A agua para o funcionamento da estação é fornecida directamente do rio por duas rodas hydraulicas (fig. 8 e 9), durante o inverno, e por uma bomba centrifuga e por um motor a vento que a

elevam de um poço no verão quando a temperatura da agua do rio ou a falta de corrente não permite o emprego das rodas hydraulicas.

A agua é pelos motores levada para dois depositos de alvenaria que garantem o abastecimento e d'onde sahe depois de filtrada.

Importantes já teem sido as culturas e distribuições feitas. As principaes especies ali produzidas são: entre os salmonideos — Truta vulgar (*Trutta fario*), truta americana (*Trutta iridens*), o sal-

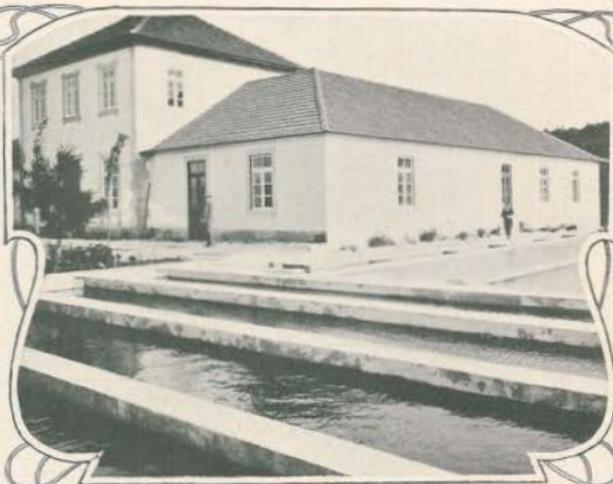


Truta arco-iris (reducção de um exemplar de 0,™ 30 de comprimento)

mão das nascentes (*Salvelinus fontinalis*), o salmão (*Salmo solar*) e o savel (*Clupea alosa*); entre os cyprinídeos — a carpa (*Cyprinus carpio*) e a tenca (*Tinca vulgaris*).

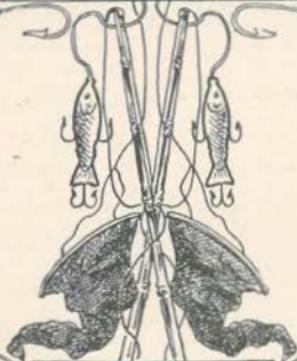
Este anno iniciou-se a cultura da truta dos lagos da Suíça, que se destina ás lagoas da Serra da Estrella.

Como resultado do trabalho da Estação, além da distribuição de milhões de peixes feita nos rios do norte do paiz, podemos citar a aclimação da truta americana dita arco iris (*Trutta iridens*), que já se pesca em muitos rios, representando a figura 10 um exemplar de 0^m,30 de comprimento e que tão apreciada é pela qualidade da sua carne e



Tanques de estabru-

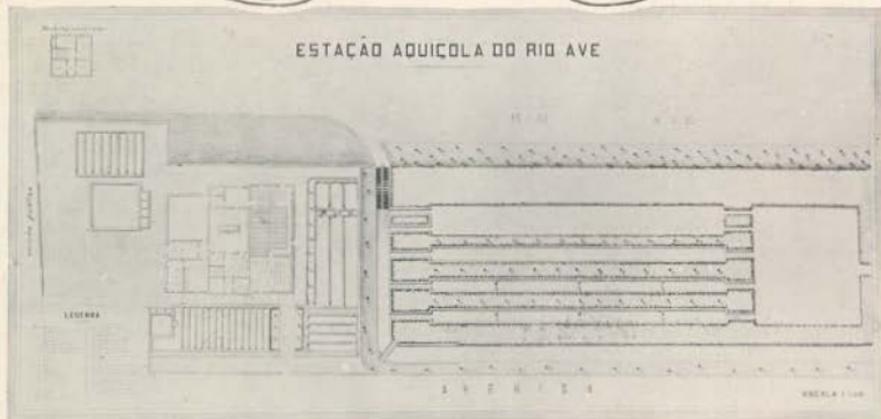
lação das criações



não basta crear e preciso se torna que os regulamentos aquícolas sejam cumpridos pelas entidades encarregadas da sua execução.

ANTONIO MENDES D'ALMEIDA.

ESTAÇÃO AQUIÇOLA DO RIO AVE



Planta da Estação do rio Ave

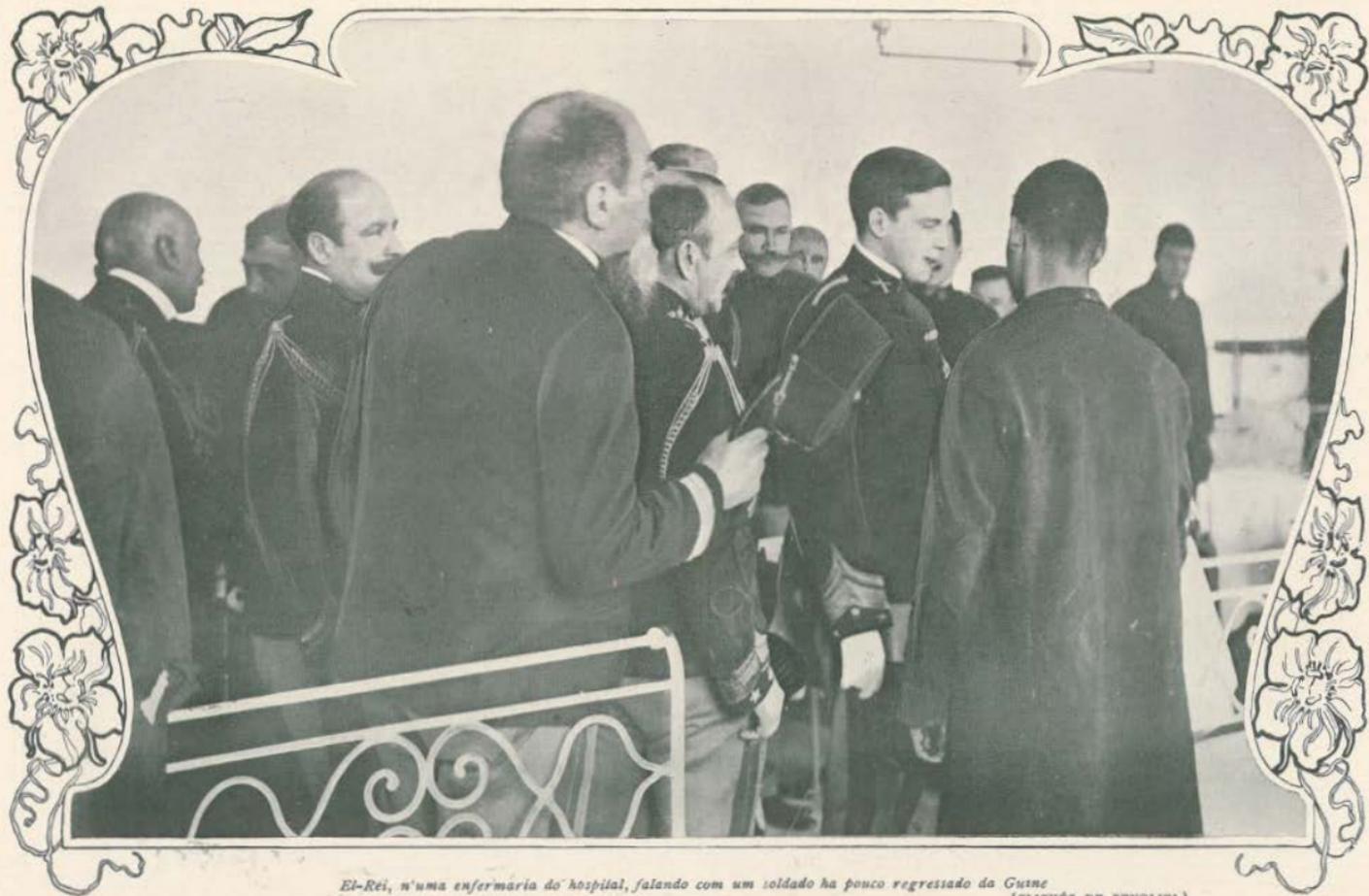
(CLICHÉS DO AUCTOR E DO SR. AUGUSTO NOBRE)

MISSÃO DE PIEDADE

EL-REI NO HOSPITAL DA ESTRELLA



Sua Magestade El-Rei, acompanhado pelo sr. ministro da guerra e director do hospital, saindo do edificio central para se dirigir aos pavilhões annexos—El-Rei vendo um doente, na enfermaria do dr. Alfredo Vasconcellos Dias

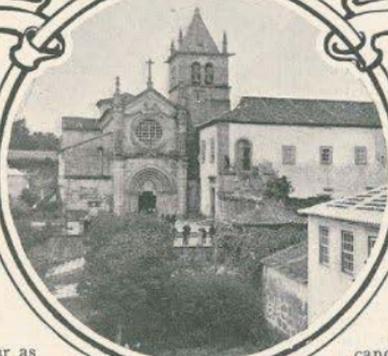


El-Rei, n'uma enfermária do hospital, falando com um soldado ha pouco regressado do Cuzne
(CLICHÉS DE BENOLIEL)

UMA EXCURSÃO ARTÍSTICA

Ainda ha bem pouco tivemos occasião de nos referir á Sociedade de Bellas-Artes do Porto, pondo em evidencia os seus benemeritos e insistentes esforços em prol do desenvolvimento da cultura artistica. Foi ha um mez, quando se realisou a sua excursão a Coimbra, e hoje temos já que registar as notas de uma nova e interessante excursão artistica, a terceira organizada pela Sociedade e em que tomaram parte, no domingo 12 do corrente, cerca de noventa socios.

Os excursionistas dirigiram-se d'esta vez a Cete, e, sob a direcção do erudito archeologo e distincto critico de arte sr. Joaquim de Vas-



Mosteiro de Paços de Sousa

mas que, tendo sido destruido por occasião da lucta entre christãos e mouros, foi depois reedificado por D. Gonçalo Vasques.

O sr. Joaquim de Vasconcellos expóz, durante a visita, com a sua superior competencia, uma série de preciosas noções sobre o monumento, começando por fazer notar que a existencia da ogiva não pode constituir de nenhum modo a caracteristica do estylo gothico, porque, apparecendo já em algumas construcções egypcias e assyrias, tem sido igualmente aproveitada em muitos outros estylos, incluindo o românico. Falando dos arcos polycentricos da capella-mór, de feição manuelina, demonstrou que



Grupo de excursionistas á porta do Grande Hotel da Torre (Entre-os-Rios)

concellos, foram visitar o velho mosteiro de Paço de Sousa, admiravel monumento românico, que tem ainda o merecimento de guardar o tumulo de Egas Moniz, o celebre aio de Afonso Henriques.

Cumpre dizer que a fundação primitiva do mosteiro de Paços de Sousa é attribuida a uns arabes conversos,



Na quinta das Granjas, em Entre os Rios (CLICHÉS DE AURELIO DA PAZ REIS)

elles não faziam parte da construcção primitiva, mas tinham sido introduzidos na restauração effectuada no seculo XVI sobre o plano e fórma de execução da qual fez diferentes considerações.

O tumulo de Egas Moniz, sujeito a todos os azares de um completo abandono, está totalmente desfeito, en-

contrando-se fóra do seu lugar não só as figuras em alto relevo, que o adornam, como os lavores da pedra, e faltando mesmo um fragmento importante, que não é, em todo o caso, difficil de vêr sobre o muro do terreno de um lavrador visinho. Parece que não houve ainda, porém, quem protestasse contra semelhante vandalismo e revoltante abuso.

Depois da visita ao mosteiro realizou-se o almoço ao ar livre, seguindo depois os excursionistas, em carruagens para a estância de Entre-os-Rios. No caminho fez-se uma curta paragem em S. Vicente, para visitar o balneario romano. Em seguida a percorrerem o estabelecimento thermal, e tendo feito um pequeno descanso no solar



Porta principal da igreja de Paços de Souza

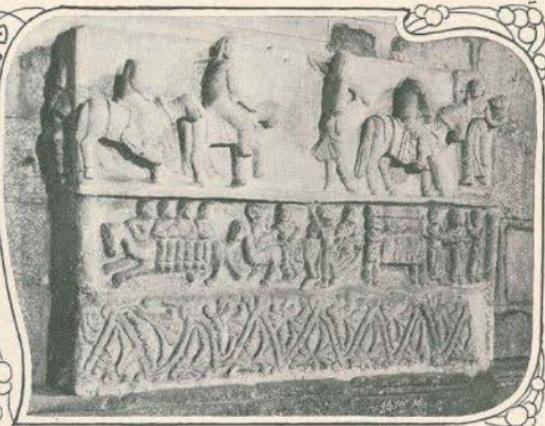
(CLICHÉ DE AURELIO DA PAZ REIS)

—Outro aspecto do tumulo de Egas Moniz

(CLICHÉ DE J. BRAAMCAMP DE MATTOS)

do Hotel da Torre, de cujas janellas se avista um bello panorama, os excursionistas dirigiram-se para a magnifica quinta das Granjas, onde se realisoou o jantar, n'uma das suas mais copadas avenidas.

Tal foi esta terceira excursão que a Sociedade de Bellas-Artes do Porto proporcionou aos seus associados, e que no espirito de todos elles deixou seguramente uma satisfeita e



Detalhes do tumulo de Egas Moniz

(CLICHÉ DE J. BRAAMCAMP DE MATTOS)

amavel recordação, pelo bello dia passado ao ar livre, alegremente, na contemplação de admiraveis espectaculos artisticos e de soberbos espectaculos naturaes.

A utilidade educativa d'estes passeios impõe-se ao mesmo tempo, de uma maneira bastante evidente. e não será pequena a escala em que elles concorrerão para desenvolver o gosto e o sentimento artistico, principal fim a que visa a illustre aggremação portuense, tão cheia de enthusiasmo e tão incançavel na sua iniciativa.

Com as suas valiosas exposições e esta brilhante serie de excursões, organisadas tão criteriosamente e dirigidas por tal mestre, a Sociedade de Bellas-Artes do Porto não pode deixar de colher, dentro em breve, os mais lisonjeiros resultados.



A ISABEL DE ARAGÃO, RAINHA DE PORTUGAL

*Antes que n'um capítulo vermelho
De bispos e canonicos doutores
Te acclamem santa as mitras em conselho,
O Reino já te erguia os seus louvores.*

*Dando-te auréola em dobres de joelho
Por bocca de tão graves monsenhores
A Madre-Egreja não foi mais que o espelho
Do povo a quem valeste em tantas dôres*

*Liturgicos latins com letras de ouro
O nome te inscreveram entre psalms
Nas paginas sagradas dos missaes.*

*Mas se elle ainda fulge duradoiro
E' que o repelem moças de olhos calmos
Quando se entregam n'essas mãos reaes.*

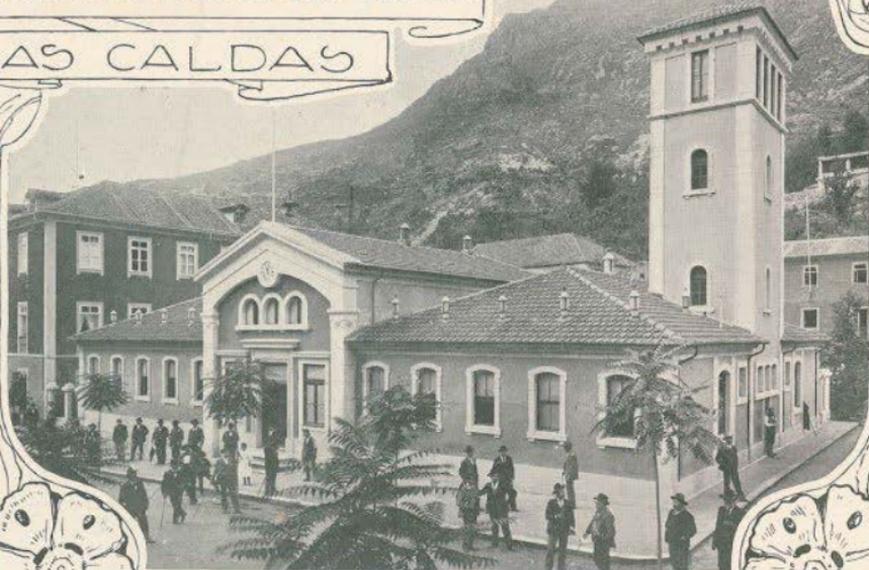
Coimbra, julho, 1908.

Antonio de Monforte.



CALDAS E SERRA DO GEREZ

AS CALDAS



Ao norte de Portugal, com ramificações para as provincias do Minho e de Traz-os-Montes, e fazendo em extenso percurso a linha que nos extrema da Galliza, está a Serra do Gerez, a que por direito indiscutível cabe entre as montanhas

do paiz um logar primacial.

Abraçada pelo Lima, que corre de Hespanha, entrando por Lindoso, e o Cavado que n'ella nasce, com filiações de origem commum nos montes de Larouco, banhando logo terras de Montalegre, tem por outros lados as povoações de Villar da Veija, Rio Caldo, Covide, S. João do Campo e outras mais a fechar perímetro, a dentro do qual é ainda á cordilheira do Gerez que pertence a serie de seus montes.

Pela imponencia da sua estrutura, pelo imprevis-

to e variado de suas naturaes bellezas e pelo que hoje representa de grande para a riqueza publica na criação e desenvolvimento de suas mattas e na importancia sempre crescente de suas thermas, merece a Serra do Gerez a evidencia

a que é mister trazel-a, para conhecimento de todos e para desforço da quasi ignorancia em que viveu durante longo praso.

A par d'isso, as velhissimas tradições que, perdendo-se nos tempos, andam ligadas a toda esta região bem merecem a rememoração, prestes a apagar-se, e o respeito de quantos amor tenham aos vestigios de um longuico passado, que permanece em attestar-se sempre merecedor de consideração e de estudo.

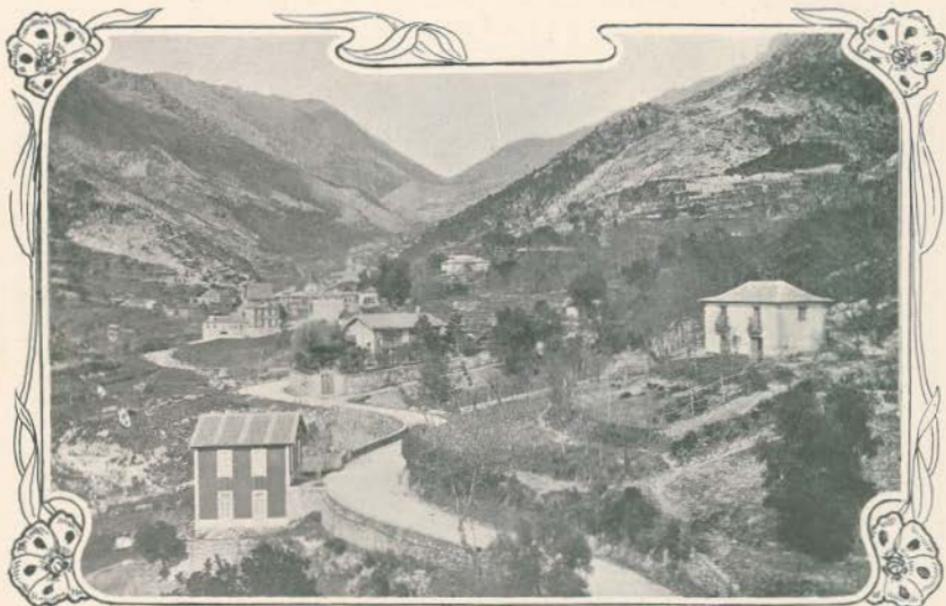
A's povoações que estacionam na Serra do Gerez, pouco numerosas e



O estabelecimento thermal de 1.ª classe

--Os primeiros habitantes das Caldas do Gerez: Francisco José da Silva, o Botegum, de 89 annos, e sua mulher Rosa Maria

Martins, de 84 annos--(CLICHÉ DO DR. FERNANDO SANTOS)



todas pequenas e pobres, é difficil fixar-lhes origem de fundação, pois que, afastadas do resto do mundo, entrincheiradas por assim dizer entre os montes que abrigam as pequenas chãs, onde poderia desenvolver-se a sua resumida lavoura, para a subsistencia propria, não tinham uma vida social, que muito as relacionasse e as puzesse ao contacto do movimento do restante paiz.

Mantinhão por isso um isolamento soberano, constituindo vida propria e independente, assente em principios por ellas mesmas estabelecidos e respeitados, e ainda hoje em parte conservados e cumpridos¹.

(¹) Para o estudo dos costumes dos povos serranos do Gerez, pôde vêr-se o artigo *Regimen Pastoral dos*

Em todo o caso, a Geira ou via Militar Romana, que vindo de Braga a Astorga, para seguir a Roma, entra na Galliza pela Portella do Homem, depois de ter atravessado a Serra, deve convencer-nos, se outros motivos de usos e tradições não houvesse para reforço, de que a data da dominação romana fará epocha de fixação a uma boa parte dos povoados gerezianos, que unto da *Geira* demoram.

As proprias aguas mineraes, hoje tão afamadas e procuradas, foram já vistas dos romanos, o que só em 1807 foi reconhecido, pelo encontro de moedas de Gallienus e Constancius nas excavações feitas ao demolir os antigos *Poços*, para iniciar os trabalhos de regular captagem das nascentes e abrir os alicerces dos existentes estabelecimentos thermaes.

Por mais nenhum indício ficou assignalada a passagem romana pelo valle das Caldas, o que as fez cahir no desconhecimento completo da sua existencia e valia therapeutica, até á data a que alcançam as unicas noticias documentadas a ellas referentes. Pelo menos, assim é

povos da Serra do Gerez, que inserimos no fasciculo 3, tomo II da revista *Portugalia* publicado em 1907, estudo que deverá continuar no fasciculo a sa'r.



Vista geral das Caldas do Gerez

—A capella mandada edificar or D. João V

de presumir, visto nada constar para lá de 1735, em que D. João V, interessando-se pelas Caldas do Gerez, as dotou com capella, modestas construcções e outros beneficios, relativamente valiosos para a epocha e que marcam a primeira *etapa* na marcha sempre progressiva em que tem vindo caminhando a estação hydrologica do Gerez, unica no paiz na sua especialisação clinica e das mais notaveis da Europa sob esse mesmo ponto de vista.

Mas, apesar de tudo, a povoação das Caldas do Gerez, isto é, o agregado de casas com habitação annual permanente, formada por individuos e familias de residencia fixa é de data muito recente.

Ha pouco mais de 40 annos, ainda no Gerez não ficava ninguem de inverno, retirando no fim da temporada, oficialmente considerada do S. João ao S. Miguel, todos quantos aqui vinham no verão fazer o seu negocio, e os poucos edificios, alguns menos de mediocres casas de hospedes e outros, miseraveis casebres, eram deixados ao abandono, até chegar a epocha do outro anno.

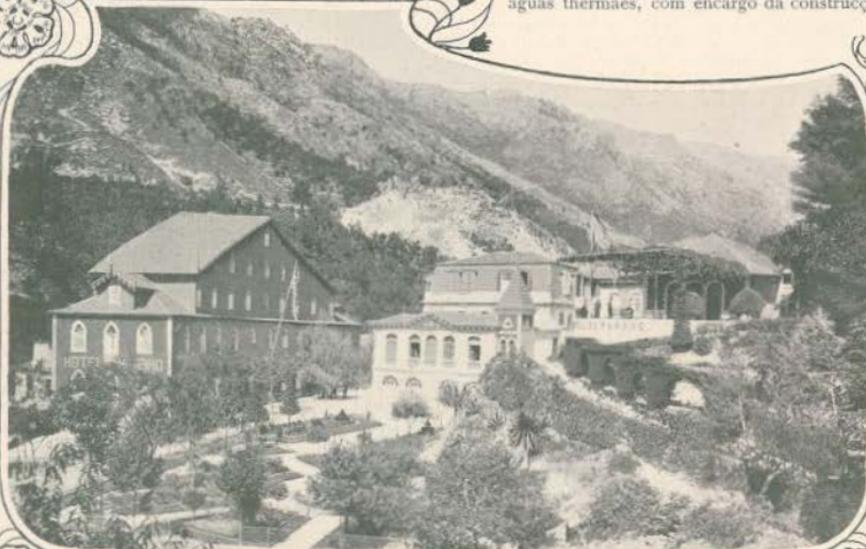
Os primeiros individuos que fixaram no Gerez residencia permanente, transferindo-se do Villar da Veiga, foram, ha 40 para 45 annos, Francisco José da Silva (o Botequim) e sua mulher Rosa Maria Martins. Outros vieram juntar-se no anno immediato e nos 3 ou 4 seguintes e, de então para cá, muitos mais se teem seguido áquelles, de forma a estabelecer junto das Caldas do



Gerez o nucleo de uma povoação, que tudo leva a crer que virá um dia a ter uma decidida e superior preponderancia na região.

Não ha duvida de que os verdadeiros fundadores d'este povoado foram os individuos acima referidos, dos quaes ainda vivem os dois primeiros, elle com 89 e ella com 84 annos, creando aqui o tronco de outras tantas dynastias, hoje já muito acompanhadas por um grande cosmopolitismo de procedencias, trazidas pelos empregados das thermas e ainda mais pelas numerosas gentes que os trabalhos florestaes acarretam annualmente, no pessoal fixo de direcção e fiscalisação e no pessoal jornaleiro que é preciso importar para execucao de seus serviços.

E' de justiça assignalar que os progressos do Gerez se marcam decisivamente desde que em 1888 o governo submetteu ao regimen florestal uma grande parte da Serra e mandava abrir concurso para a exploração das aguas thermaes, com encargo da construcção



Antigas edificações
A entrada das Caldas: *Hoteis Ribeiro e do Parque*
(GLICHÉS DA PHOT. NACIONAL, DO GEREZ)



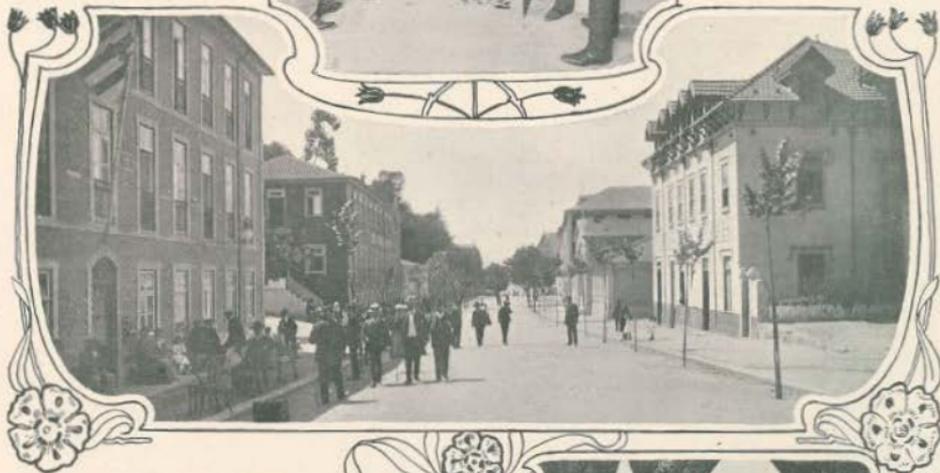
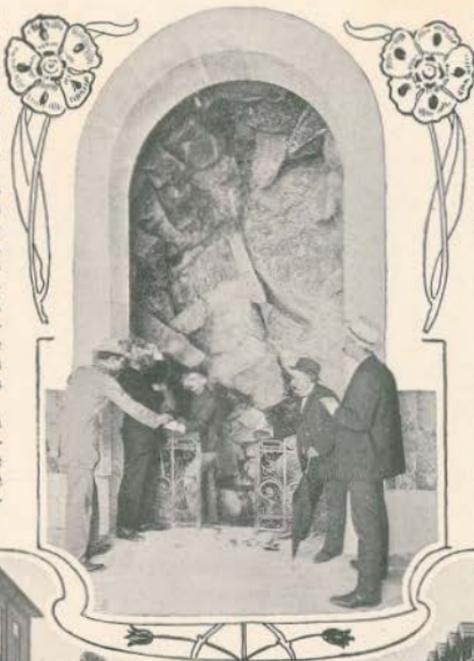
de edificios condignos e á altura da importancia e do valor das aguas, tão alteadas no conceito de antigos pelo *agri surgunt sani*, collocado acima da padieira do antigo Poço Forte, e hoje mantido sobre a nascente da *Copa*.

Os trabalhos florestaes iniciaram-se logo, mas as installações hydrologicas e thermaes só mais tarde, em 1897, puderam desenvolver-se pelos esforços e capitaes da actual Empreza concessionária, que fez melhoramentos e edificios que tornam o Gerez uma das estações de aguas mais completas do paiz.

Não bastava que só a fama dos milagres operados em padecimentos, que vinham definitivamente afogar-se nas aguas do Ge-

e progredindo esta bella e formosa estancia, que são as Caldas do Gerez, situadas no districto de Braga, a que se ligam por 45 kilometros de uma pittoresca e linda estrada, contorcendo-se em torcicollos de sacarolhas a enroscar-se pelos montes, em um valle profundo da serra, 6 kilometros ao norte do Villar da Veiga e 12 ao sul da Galliza, da Portella do Homem, collocadas a mais de 400 metros acima do nivel do mar e defendidas pelos contrafortes da Pedra Bella e de Lamas, ambos sobranceiros a ellas cerca de 500 metros, com a entrada de Hespanha guardada pelas portas do alto desfiladeiro de Leonte.

TUDE M. DE SOUSA.



rez, apregoasse os seus beneficios; era preciso dar commodidades a quem tivesse de recorrer a ellas.

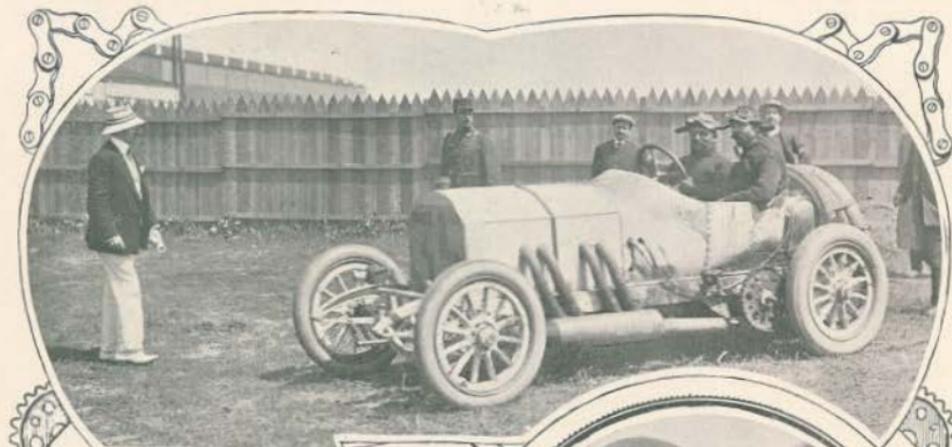
Assim foi que em 1882 um intelligente e emprehendedor filho da região, o fallecido Antonio Joaquim Martins Ribeiro, cuja memoria aos naturaes deve ser tida como benemerita, fundou no Gerez o primeiro hotel, que ainda hoje existe, abrindo com o exemplo o caminho que foi depois seguido por muitos outros, que dotaram a estancia de forma a offerecer hoje aos frequentadores mais sete hoteis, alem de numerosas casas de hospedes.

Veu depois a estrada em ligação de Braga ás Caldas substituir os ingremes e quasi intransitaveis caminhos anteriores, melhoramento notavel, que mais accessivel tornava as nascentes e a serra. E assim é que tem vindo evidenciando-se



Nascente das aguas thermaes e *Copa*
—Aspecto das Caldas do Gerez: A phar-macia
e os hoteis *Maia* e *Anselmo* (CLICHÉS
DA PHOT. NACIONAL, DO GEREZ)—Poços para
banhos e bica de *D. João V.*, hoje demolidos

LÁ POR FÓRA



Lautenschlager, que ganhou o primeiro premio
— Cissac e o seu chauffeur que foram
ambos victimados
— Uma das curvas perigosas do percurso
(CLICHÉS DE ROGER)

A grande prova automobilista annual do A. C. F. (circuito de Dieppe) foi assinalada por um incidente tragico: a morte do conhecido «sportsman» Cissac e do seu «chauffeur», e pela victoria alcançada pela industria automobilista allemã sobre a franceza.



LORD TENNYSON E PORTUGAL

THE REVENGE

Mais d'uma vez terá acontecido a um portuguez, principalmente a portuguezes dos Açores, folheando as obras de Tennyson completas em um volume, á procura d'alguma poesia ou trecho preferido, lidos em edição separada, parecer-lhe que viu passar como um relampago, destacando-se nítidas do nevoeiro confuso que as letras formam no rapido vôo das folhas, estas duas palavras portuguezas: — *Flôres, Açores.*

Surprehendido, suspende por um momento a occupação dos seus dedos, mas continua-a logo, sorrindo á extravagante illusão, que esquece lendo a poesia procurada. Mas a imagem das duas inverosímeis palavras é demasiadamente intensa para se apagar tão depressa e depois da leitura reaparece-lhe no espirito desoccupado, obrigando-o a folhear o livro de deante para traz e de traz para deante, no phrenesi de descobrir d'onde lhe veio a illusão. A fadiga d'uma busca laboriosa para satisfazer uma curiosidade pueril bem depressa o faz abandonar esta pesquisa vã de agulha em palheiro. Um dia, porém, abrindo o grosso volume ao acaso é, quando menos o espera, alliviado da sua obsessão ao lêr este verso com que abre uma poesia:

At *Flôres* in the *Azores*
Sir Richard Grenville lay...

É se o portuguez em questão for versado nos



SIR WALTER RALEIGH

episodios da longa lucta anglo-hespanhola da segunda metade do seculo XVI, o titulo da poesia *The Revenge* e o nome de Sir Richard Grenville logo lhe explicam de que se trata, sobrebruto se o portuguez for um açoreano apaixonado pela historia do seu archipelago. — Tennyson tomou para assumpto d'uma d'essas poesias que nasciam em parte do seu patriotismo sincero, em parte do sentimento dos seus deveres officiaes de *poet laureate*, a defeza heroica da *Revenge*, navio commandado por Sir Richard Grenville, contra uma esquadra hispano-portugueza de cincoenta e tres navios, durante quinze horas.

Pela biographia de Tennyson por seu filho Lord Hallam Tennyson podemos conhecer meudamente a gestação d'esta poesia.

Em 1873 o poeta encarregou um seu amigo, secretario d'uma sociedade sabia, de o informar de tudo o que pudesse averiguar acerca do marinheiro inglez do seculo XVI Sir Richard Grenville. Depois d'uma conferencia com esse amigo voltou para casa e escreveu no alto d'uma folha de papel o verso atraz transcripto. Mas essa folha jazeu annos sobre a mesa de trabalho do poeta, sem que a esse primeiro verso fosse acrescentado nenhum outro. Provavelmente o assumpto na forma por que lhe fôra exposto pelo seu erudito informa-



Retrato de João Hugo Linschoten
aos 32 annos, em 1595

dor não lhe inchava sufficientemente as velas da imaginação. Foi depois de ler o extenso artigo intitulado

England's forgotten Worthies que o historiador James A. Froude publicára em 1852 na *Westminster Review*, que Tennysson concluiu d'uma assentada o pequeno poema apenas encetado, que veio a ser popularissimo e cantado até com musica especialmente feita para elle pelo compositor Standford. A sua popularidade continúa ainda. Ha alguns mezes apenas, dizemdo alguem a um inglez, na nossa presença, que nascera nos Açores, o rosto do inglez illuminouse com o sorriso de encantada surpresa causado pelo encontro de quem conhece uma terra a que temos ligadas recordações gratas, e perguntou:

— *At Flôres?*

— Conhece essa ilha? replicou o seu interlocutor.

— *No!* Nunca fui aos Açores; perguntei isto por me lembrar da poesia de Tennysson que começa *At Flôres in the Azôres*.

Suppomos todavia que nenhum *Tennysonian* deixará de convir que esta poesia está bem longe de ser das melhores do auctor. Reconhece-se n'ella quasi a cada verso a influencia da leitura que a inspirou, como o leitor verá no decurso d'este artigo. E' comtudo, inegavelmente, a obra d'um consummado escriptor em verso, senhor de todos os segredos da sua arte. O rythmo é movimentado, ajustando-se admiravelmente á pintura do combate heroico, o traço é sobrio e sabiamente seguro e não é mesmo favor reconhecer um certo sopro de verdadeiro enthusiasmo a esta pequena epopeia.

Os que a conhecerem em inglez concordarão sem duvida na impossibilidade de fazer d'ella uma traducção em verso, não dizemos já digna, mas capaz de dar uma pallida idéa das bellezas technicas do original. Muito ao contrario a traducção em verso só conseguiria fazer arripriar al-

gum leitor portuguez de Tennysson e dar a quem não saiba o inglez uma noção inteiramente falsa da physionomia que o poema tem n'essa lingua. Traduzimol-o portanto fielmente em prosa, embora procurando dar á prosa um certo rythmo. Em seguida á traducção faremos o commentario historico que a poesia pede.

A «VINGANÇA»

I— Achava-se Sir Thomaz Grenville na ilha das Flôres, nos Açores, quando uma pinça, como uma ave assustada, chegou, fugindo do mar alto: «Navios de guerra hespanhoes á vista! Contamos cincoenta e tres!»

Lord Thomaz Howard exclamou então:

«Por Deus, não sou cobarde; mas não posso dar-lhes batalha, porque os meus navios estão dismantelados e enferma metade da minha gente. Sou forçado a fugir, mas segui-me sem demora. Temos ao todo seis navios combatentes, como é possível fazer frente a cincoenta e tres?»

II— Disse então Sir Ricardo Grenville:

«Bem sei que não sois cobarde, e que se agora fugis d'elles é para em melhor tempo os combaterdes. Mas eu tenho em terra noventa homens, ou mais, doentes.»

E julgar-me-hia, a mim, um cobarde se os fôsse abandonar a estes perros da Inquisição e aos outros diabolicos da Hespanha.

III— E assim n'esse mesmo dia Lord Howard partiu com cinco navios de guerra, que em breve se dissiparam como uma nuvem n'um sereno céu de estio; mas Sir Ricardo embarcou de seu vagar todos os seus doentes, homens de Bideford, em Devon, e nós accomodámol-os no porão sobre o lastro; vieram todos para bordo e todos a bemdizel-o por não os abandonar aos *anjinhos* e fogueiras da Hespanha, para maior gloria do Senhor.

ARCHEVO DOS AÇORES. T. II. Execução dos prisioneiros Franceses na praça de Villa Franca do Campo em 1582.



Fac-simile da gravura que se encontra na obra de Albrecht Dürer intitulada

Der Königreich Hispanien

Portugal und Africa impressa em Munique por Adam Berg

no. 275. a. 14.

IV—Tinha apenas cem homens para manobras e peleja e assim partiu das Flôres e foi velejando, quando nos surgem a barlavento os hespanhoses, nos seus enormes castellos fluctuantes.

«Devemos combater ou fugir? Resolvi, bom Sir Ricardo. Mas combater é morrer. Poucos de nós chegarão com vida ao pôr do sol.»

E Sir Ricardo replicou:

«Todos nós somos bons inglezes. Corramos esses perros de Sevilha, esses filhos do diabo, que eu nunca voltei costas a nenhum *Don*, nem a nenhum diabo.»

V—Assim falou, rindo, Sir Ricardo e nós soltámos um *hurrah* trovejante. A pequena *Vingança*, com cem soldados no convez, com noventa doentes no porão, singrou direita ao seio do inimigo, pois metade da sua frota enfileirára á dextra e outra metade á esquerda, e a pequena *Vingança*, singrando sempre, entrou na gran-

albardeiros e outras tantas de nós os sacudimos, como um cão que sae da agua, sacudindo as orelhas

IX—Pôz-se o sol, o vasto céu de estio recamase de estrellas e nem um momento cessa o combate d'um só contra cincoenta e tres. Uma após outra, toda a noite, as altas naus vieram, com seu guerreiro trovejar e seus relampagos, e uma após outra se retiram, carregadas de mortos e vergonha. Algumas se afundaram, desgarraram-se muitas; cessa o inimigo o fogo, incapaz já de combater. Deus das batalhas, houve jámais batalha assim no mundo?

X—E elle sempre a dizer: «*Luctae! Luctae!*» embora o seu navio fôsse um destroço apenas, e retirando-se apenas um momento do convez para fazer pensar uma ferida horrivel que recebera já, uma bala matou redondamente o homem que o pensava, ferindo-o outra vez, a elle, na cabeça e n'uma ilharga,



O pittoresco logar da Fazenda nos arredores da villa de Santa Cruz

de rua d'agua que entre as naus se alongava.

VI—Milhares de soldados nos olhavam a rir do alto das suas toldas, milhares de marinheiros zombavam do barquinho insensato que avançava mais e mais, até que o *S. Philippe*, de mil e quinhentas toneladas, com suas filhas de canhões hiantes, afrontando-nos como uma montanha nos quebrou o vento, e parámos.

VII—E enquanto o grande *S. Philippe* se erguia acima de nós, como uma nuvem, de que vae dardejar estrostande um raio, quatro naus, separando-se da frota, duas a bombordo e duas a estibordo se postaram, e o trovão da batalha á uma rebentou de todas quatro.

VIII—Porém em breve o *S. Philippe* reconsidera e afasta-se, pois leva já no ventre qualquer cousa pouco do seu agrado. E os outros todos nos abordam, lutam comnosco braço a braço, uma duzia de vezes veem com mosqueteiros e

e elle sempre a gritar: «*Luctae! Luctae!*»

XI—Passou a noite, o sol surgiu sorrindo a um vasto mar de estio, e a esquadrã hespanhola, de flancos arrombados, formava um circulo em redor, mas não ousava já tocar-nos, receando que mordessesmos ainda e ficavam-se á espera, a vêr qual fôsse o fim d'aquillo. Não nos bateramos de balde; estavamos porém n'um afflittissimo transe, mortos quarenta dos nossos cem, e metade dos outros mutilados, a maior parte dos doentes hirtos e frios no porão, partidas ou retorcidas as alabardas e a polvora esgotada; mastros, cordame e panno jazem caidos sobre as bordas; e Sir Ricardo exclama em seu orgulho inglez:

«Sustentámos por um dia e por uma noite um combate como talvez não torne a haver outro! Cobrimo-nos de gloria, rapazes! E um dia a mais, um dia a menos, no mar ou em terra, a morte é certa,

que importa quando? Olá, paioleiro, mette o navio a pique, é rachal-o ao meio e a pique! Entreguem-nos a Deus, não á Hespanha!»

XII— Responde o paioleiro: «Ai de mim!» e os outros replicaram: «Somos casados, temos filhos e foi Deus quem nos poupou as nossas vidas. Se os hespanhoes nos añaçarem a liberdade, capitulemos e assim viveremos para continuar a batalhar e para lhes vibrar outro golpe.»

Jaz moribundo o leão, elles entregam-se ao inimigo.

XIII— Transportam-no então os hespanhoes altivos para a nau capitaina e, junto ao mastro, deitam o velho Sir

vio e o seu punhado de inglezes. Seria elle homem ou demonio? Um demonio, que duvida! Mas lançaram ao mar o seu cadaver com as honras devidas, metteram na *Vingança* uma tripulação nova e trigueira, e ella lá partiu com o seu luto, a chorar pelos seus. Quando nas terras que estes homens devastaram, um vento acorda do seu somno, o mar engrossa, geme o ar; e antes do fim da tarde o vento sopra rijo e um d'esses vagalhões que os terremotos alewantam vem crescendo e desfaz-se de encontro aos cascos, mastros e pannos das naus, e o mar despenha-se sobre a esquadra hespanhola tão maltratada pelas balas; e a pequena *Vingança*, igualmente, de encontro aos rochedos da



Fajã Grande, na ilha das Flores

Ricardo afinal prisioneiro, louvando o seu valor com cortezã graça estrangeira; elle pôe-se de pé no convez hespanhol, exclamando:

«Pela Rainha e pela Fé luctei, como um bravo e como um homem de bem; fiz apenas o meu dever, como todo o homem é obrigado a fazel-o e é com o coração cheio de jubilo que morre Sir Ricardo Grenville!»

É no convez hespanhol outra vez cae, e expira.

XIV— Elles miravam com pasmo aquelle morto que tão valente e leal fôra e em tão pouca conta tivera o poder e gloria da Hespanha, que ousára afrontal-a com um unico na-

ilha, naufragou e sumiu-se para sempre no profundo.

Tennyson seguiu rigorosamente o seu guia James A. Froude e as transcripções que este faz da defeza de Grenville por sir Walter Raleigh, seu primo. Não só ha no poema uma reprodução exacta dos pormenores que vae até aos numeros, até á tonelagem do *S. Philippe*, que desafiamos os mais audazes metrificadores a arrumar em verso portuguez, mas mesmo uma das phrases mais energicas do poema é, pôde dizer-se, uma va-

riante para peor d'uma do artigo de Froude. Diz este:

«... a grande frota hespanhola disposta em circulo em volta d'ella (da *Revenge*), como cães em volta d'um leão moribundo e recoscos de se approximarem d'elle na sua derradeira agonia.»

E Tennyson «... formavam um circulo em volta de nós, mas não ousavam já tocar-nos, receando que mordessemos ainda.»

Diz Sir Walter Raleigh, descrevendo o começo do combate naval: «Mas, o grande *S. Philippe*, tendo recebido a descarga mais baixa da *Revenge*, retirou-se a toda a pressa, tendo gostado muito pouco d'esse primeiro acolhimento.»

E Tennyson: «... pois leva já no ventre qual-quer coisa pouco do seu agrado.»

Mas o poeta apartou-se ainda assim um pouco das suas fontes. Simplificou a narrativa,

rôa de Philippe II. Deixou um diario das suas viagens, que se acha vertido em muitas linguas, entre ellas na latina e d'esta verteu o insigne investigador açoreano José de Torres alguns fragmentos que foram publicados no *Panorama*, vol. XIII. 1856. João Hugo estava na ilha Terceira quando se deu o combate e assistiu á volta da esquadra hispano-portugueza, trazendo a *Revenge* e os prisioneiros inglezes. O combate foi a 13 de setembro, segundo o viajante hollandez, que, tomando os seus apontamentos dia a dia, não podia ter-se enganado e a sua affirmacão é reforçada por um documento portuguez, que depois analysaremos. Froude estava, portanto, em erro dando o facto como succedido em meado de agosto. Mas deixemos a data, que pouco importa, e vejamos a versão do successo dada por Linschoten, que diverge um tan-



*Villa de Santa Cruz, da ilha das Flores.
Era no mar entre esta ilha e a do Corvo que pairavam os navios
inglezes á espera das naus das Indias Occidentaes*

desfazendo-se do navio, ou navios de provisões, que ficaram com a *Revenge*, pois a esquadriha ingleza não se compunha só dos seis navios combatentes e da pinaça que «veiu fugindo como uma ave assustada», como depois veremos. Além d'isso tornou mais dramático o desfecho da narrativa fazendo seguir a tempestade immediatamente á batalha. Não aconteceu assim, nem a *Revenge* naufragou de encontro ás rochas da ilha das Flores, perto da qual foi o combate. O naufragio deu-se uns 15 dias depois, não em S. Miguel, como diz Froude, mas na Terceira, segundo affirma João Hugo van Linschoten, a cujo irrecusavel testemunho ácerca da batalha e do que se lhe seguiu vamos agora recorrer.

João Hugo van Linschoten era um illustre aventureiro hollandez, que viajou muito em Portugal, Hespanha e domínios das duas nações então reunidas sob a co-

to da que inspirou o poema de Tennyson.

Se o poeta, em vez de ter lido só a transcripção de Sir Walter Raleigh feita por Froude, tivesse tambem lido a obra do viajante hollandez ver-se-hia obrigado a supprimir a fala de Grenville ao seu almirante, Lord Howard, na estrophe II do poema; e, na estrophe XIII, ás suas derradeiras palavras a bordo da capitaina hespanhola, teria que acrescentar o amargo queixume de ter sido «traioceira e cabardemente abandonado pelos seus.»

Tambem segundo Linschoten a esquadriha ingleza, de 16 barcos, não estava ancorada quando foi surpreendida pelo inimigo, mas bordejava para os lados da ilha do Corvo á espera da armada da India de que já aprisionára alguns navios.

Depois do combate a esquadra partiu para a ilha Terceira, a reparar as suas enormes avarias, para voltar depois á

altura das Flôres e Corvo a esperar as naus que devia comboiar.

Quando ella chegou ao porto de Angra, com os prisioneiros inglezes e a *Revenge* a reboque, João Hugo e um companheiro das suas viagens e aventuras foram a bordo da nau *Doze Apostolos*, do terço biscainho, commandada por Bretandona, a saber novidades. Começara a bordo o jantar, para que o commandante os convidou afluente. O capitão da *Revenge*, de gibão preto, de velludo de seda, estava a jantar com os officiaes hespanhoes, conversando em latim com Bretandona, que, segundo se infere do dizer de João Hugo, não falava essa lingua com grande fluencia. Depois do desembarque não

Inglaterra com os outros prisioneiros inglezes.»

E não foi só d'esta vez que os «perros da Inquisição» trataram tão nobremente os seus prisioneiros de guerra. Os que eram levados à ilha Terceira, longe de serem lançados em *devildoms* («antros diabolicos» na nossa tradução de *The Revenge*), andavam em liberdade pela ilha, tendo-se até d'uma vez evadido alguns em um barco de pesca. E' verdade que n'uma outra occasião, conta Linschoten, estando junto à ilha Terceira, manietados a dois e dois, a bordo d'um navio portuguez, alguns marinheiros inglezes acabados de apri-sionar, um alferes hespanhol vingou n'elles a morte d'um irmão que per-



Porto de Santa Cruz (Flôres): Entrada de barcos

só lhe foi permitido passear livremente pela cidade, e continuar a cingir a sua espada, como se não fôsse um prisioneiro, mas o governador hespanhol da Terceira levou a sua urbanidade ao ponto de o convidar para um banquete. Era elle ao tempo o mestre de campo João d'Urbina. O capitão inglez, com os sobreviventes do combate e da tempestade que desfez a *Revenge* na bahia de Angra, foi depois para Lisboa. Aqui, diz Linschoten, que veio por esse tempo, talvez até na mesma viagem para o reino, «foi humanamente tratado pelos portuguezes, que de Setubal o mandaram para

dera no desastre da *Invencivel*, apunhalando uns seis.

O alferes foi porém condemnado a ser entregue á rainha da Inglaterra, sentença que a pedido dos seus amigos foi «commutada» na de morte. «Devia ser decapitado, continúa o viajante hollandez, se em Sexta-feira Santa, os capitães em Lisboa, todos juntos, lhe não tivessem a muitos rogos obtido o perdão.»

Froude citava o testemunho de Linschoten para mostrar quanto Grenville era temido nos Açores e as lendas de que o terror envolvera a sua personalidade, transformada quasi n'um my-

tho. «Contaram-me varias pessoas de credito que a isso se acharam presentes, diz o hollandez, que Ricardo costumava beber tres ou quatro copos de vinho, partindo-os todos com os dentes e engulindo os pedaços de vidro». O guia de Tennyson não recorreu porém ao viajante a quem chamava «a sua auctoridade no assumpto» com respeito á reputação de que gozava Sir Richard entre os seus subordinados e á boa vontade com que estes lhe obedeceram na temeridade que lhe custou a vida. Diz a referida «auctoridade»: «Era igualmente molesto e terrivel para os seus, por

vel que isso fôsse apenas uma das feições do mytho, como a voracidade por cacos de vidro¹.

Na narrativa de Linschoten ha uma passagem curiosa que não foi traduzida em portuguez, ou porque faltasse na edição latina de que se serviu José de Torres, ou porque este lhe não achasse o pittoresco que ella tem para nós². E' a que se refere ás imprecações dos hespanhoes por occasião da prolongada tormenta que com a *Revenge* destruiu muitas naus da India duas a tres semanas depois do combate. A guarnição hespanhola da Terceira accusava clamorosamente Deus de



Quebradas de agua da Fajãzinha (ilha das Flores)

sua natural crueldade e governava d'um modo deshumano. Logo que o viram abandonado pelos outros, o piloto, como o seu navio era muito veleiro, queria tambem fugir ao perigo manifesto. Porém Ricardo impediu-o d'isso, ameaçando com a força quem ousasse tocar nas velas.»

Esta transcrição prejudicaria o tom épico da narrativa de Froude e contrariaria a sua afirmação de que Grenville era para os inglezes «um agradável e galhardo *gentleman* que nunca voltára costas ao inimigo». Não foi talvez por parcialidade, mas por algumas razões de boa critica que o historiador inglez não seguiu n'aquelle ponto Linschoten. A afirmação d'este está com effeito longe de ser um documento irrecusavel. Ignorando a lingua ingleza, como declara algues, não podia ter ouvido o que diz da crueldade de Grenville senão a hespanhoes e a portuguezes dos Açores; é portanto muito prova-

ingratidão para com os seus fieis servos peninsulares e de tomar o partido dos herejes luthera-nos. «Pode bem pensar-se e presumir-se, diz João Hugo, que isto não foi senão um justo flagello enviado aos hespanhoes, podendo dizer-se que foi bem *vingado* o aprisionamento da *Vingança*; e não pela força humana, mas pelo poder de Deus. Como muitos hespanhoes diziam abertamente na Terceira que criam firmemente ter Deus decidido destruil-os e tomar a parte dos luthera-nos e herejes.»

¹ A narrativa de Sir Walter Raleigh não merece porém mais confiança, pois o opusculo é um panegyrico do seu parente e socio nas empezas maritimas e tem por fim excitar a Inglaterra á guerra santa contra a Hespanha.

² O mais provavel e a tradução latina, apesar de ser feita ao que parece pelo proprio auctor, ter lacunas. Assim acontece com a franceza, pelo menos na edição de 1638, comparada com a velha tradução ingleza.

Mas os herejes, por serem agora objecto d'estas escandalosas mostras de favoritismo celeste, não tinham perdido a amizade do demonio, seu antigo alliado e protector: "... diziam mais, continúa João Hugo, que quando atiraram pela borda fóra o cadaver do vice-almirante Sir Ricardo Grenville pensaram logo que como elle tinha uma religião e fê diabolicas o demonio o devia amar, e de facto elle fóra para o fundo do mar e de lá passára ao inferno onde fizera uma leva dos demonios todos para vingar a sua morte e que elles levantaram contra os hespanhoes tal tempestade e furia dos elementos por só elles defenderem a religião catholica romana. E não cessavam de proferir aber-

Falcão de Rezende, auctor do illegivel poema anatomico e physiologico *Da criação e composição do homem*, que, como dizia Faria e Sousa, «se puzo en la molera» de muita gente ser de Camões. Frederico Schlegel ainda como tal o citava em 1801, com certa timidez quanto à authenticidade, porque a vira já negada, mas com rasgado louvor para a audacia e originalidade da allegoria! Esse *Romance do successo da armada*, com mais dois sonetos e uma ode sobre o mesmo assumpto, está nos mss. da Bibliotheca da Universidade e só foi publicado em 1884, no *Archivo dos Açores*.

No romance de Falcão de Rezende, Sir Richard Grenville é in-



Um aspecto da ilha das Flores. Da construção do século XVII resta apenas a igreja, reformada em parte em 1727

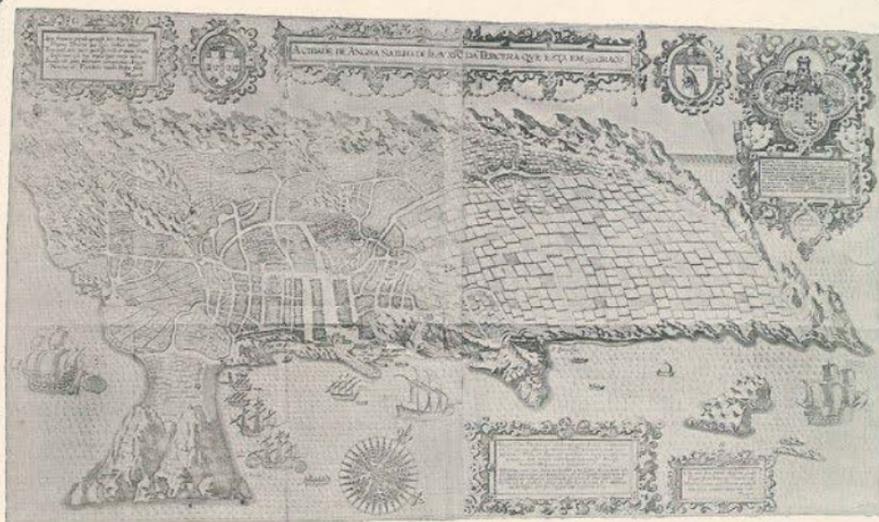
(CLICHÉS DE PHILOMENA ADELINA DA SILVA, DA ILHA DAS FLORES)

tamente contra Deus estas e quejandias blasphemias.»

A nossa litteratura possui sobre o assumpto do poema *The Revenge* um que o excede muito em extensão e muitíssimo em abundancia de pormenores, mas que litterariamente é quasi todo da ultima mediocridade. Dissemos a nossa litteratura attendendo à nacionalidade do auctor, pois o *Romance do successo da armada que foi ás Ilhas Terceiros no anno de 1591* é escripto em castelhano. O portuguez hispanisante, tão minucioso informador quanto infeliz poeta, a quem devemos esse relatório metrico é André

variavelmente chamado *Richarte Campo verde*, o que faz suppôr uma fôrma antiga — *Greenfield* — ao seu nome, embora nunca assim o vissemos nomeado em livros inglezes. E a supposição é reforçada pelo nome de *Greenvelt* que lhe dá o *Itinerario* de Linschoten.

Poder-se-hia extrahir do romance uma extensa lista de nomes de officiaes portuguezes que iam na esquadra sob o commando de D. Alonso de Bazan, irmão mais novo do Marquez de Santa Cruz, fallecido em Lisboa pouco antes de partir a Invencivel Armada, que devia comman-



A cidade de Angra pelos fins do século XVI, desenho de Linschoten

dar. O terço portuguez era commandado por D. Luiz Coutinho.

Naves siete veces siete en aquesta armada ivan y algunas mas caravelas que de serviço venian.

D'este modo o numero de navios combatentes fica um pouco reduzido, e por outro lado dando á esquadra ingleza

Velas quatro veces siete,

sem fazer distincção entre os navios de provisões e os combatentes attenua o epico d'este feito quanto lhe é possível a desigualdade numerica das duas frotas. O total de 28 navios para a esquadra de Lord Howard encontra-se em escriptores inglezes; mas os navios de linha eram apenas seis e os nomes d'elles são conhecidos até.

Segundo a versão de Rezende os inglezes não são surprehendidos pela esquadra hispano-portugueza, ao contrario d'isso

a ella con arrogancia sin conocela venian, pensando que eran navios de Indias e mercancias.

No romance tambem a fuga dos navios inglezes menos a *Revenge* só se dá depois do combate que dura toda a noite. E' então que o *Campo verde*, vendo-se abandonado pelos seus, resolve capitular. Vê-se, porém, claramente que esta di-

vergencia das outras noticias ácerca do facto, em um ponto essencial, é de caso pensado para lisongear D. Alonso de Bazan.

Na longa descripção do combate, como se verá, o unico navio inglez que o auctor se lembra de mencionar é a *Revenge*, o unico official; não chegára, portanto, ao seu conhecimento que outro navio tivesse tomado parte na lucta.

Descrevendo a defeza desesperada d'esse unico, a «stuba», ou como melhor deva chamar-se o fahnoso instrumento atravez do qual apregoava Rezende a gloria dos seus heroes, ganha, força é reconhecê-lo, um certo entono. Comquanto mesmo ahi esteja muito longe de «accender o peito» e de «mudar a côr ao gesto», chega todavia quasi a ser «canora e bellicosa» em confronto com o seu monotono coaxar habitual. E' mesmo curioso observar como a sua comparação da *Revenge* a um touro assaltado por uma matilha lembra a do leão da animada pintura de J. A. Froude. Ouçamo-lo:

En esto ha noche oscura cerrose y luz no havia mas que de fuegos e truenos formados de artilleria.

Y la Inglesa Almiranta se defiende todavia cercada de otros navios nuestros que alli acudian.

Esta siendo de mas cuenta baxel que en Londres havia,

y asida por todas
partes
por huirse aun por fia.

Qual talvez el bravo toro,
que nel cosso se corria,
lleno de sangre y corage
que miedo, y temor ponía;

Al qual algunos lebreles
temerosos cometian,
mordiscando sus orejas
molestandole á porfia.

El toro brama y bravea
aferrado aun se huía
hasta que varonil moço
le jarreta y abatía.

Tal al bravoso Richarte:
don Luis llegando hazía;
en toda la oscura noche
le rebate y deshacia.

Y vendose acometido
entregarse no quería
hasta cerca de mañana
que su armada huía.

Y entonces ya mal herido
con su nave se rendía.

Parece transparecer uma certa rivalidade na opposição entre a designação de «varonil» dada a D. Luiz Coutinho, commandante do terço portuguez, e a de «lebreles temerosos» attribuida aos que antes da sua intervenção combatiam o *Campo verde*. Houve-a na realidade. Em uma passagem desconhecida ou desprezada pelo seu traductor portuguez, diz Linschoten que depois do combate e de Grenville estar já a bordo de capitaina hespanhola, a discussão sobre quem abor-daria efficaçmente a *Revenge* esteve quasi a fazer re-bentar uma sangrenta rixa entre biscainhos e «portugues».

Já vimos a humanidade dos vencedores attestada por Linschoten. Falcão de Rezende, porém, apresenta-os de modo muito diverso. O tipo ingenuamente ferro do guerreiro victorioso nos romances populares im-

punha-se-lhe. E pintar as feições reas dos seus heroes era tarefa que exigia muito maior esforço e talento do que cobri-las com a mascara tradicional paralyzada no seu arregaño de alegria cruel e vingativa:

.....
mas el triste campo verde
en vermejo se bolvia.

Que el cuel el rostro y cabello
de propria sangre teñía,
y con hasta cien soldados
manietados se trahía,

A la Real capitana
que muertos muchos havia
y el Richarte herido e preso
murio-se al segundo día.

.....
Para que a victoria de D. Alonso de Bazan com 40 navios e alguns milhares de homens, contra um unico navio e cem homens, fôsse celebrada como um acto de heroismo era preciso que a reputação de valentia de que gosava Sir Richard Grenville excedesse muito a que compete á simples humanidade. Vê-se que Linschoten dizia a verdade quando contava as lendas correntes entre portuguezes e hespanhoes, de que o bravo *Baronet* do Devonshire era nucleo. Consideravam-no como um d'esses horrendos monstros marinhos de fórmas vagamente humanas, que um cavalleiro temerario desafia e vence, acabando com o tributo de vidas que os homens pagavam á sua voracidade, — uma cousa no genero d'aquelle *Orco* disforme, devorador de homens, que deu a Ariosto um episodio encantador. Simplemente o pasto d'este não era precisamente carne humana, mas sim ouro e prata em barra, dos quaes, seguindo o romance, ainda encontraram boa porção por digerir no ventre da *Revenge*:

Y entre otras presas
e robos,
plata fina e oro tra-
hía.

E como explicar-se tal poder de resistencia n'este e em outros navios inglezes de pequeno lote contra os colossos da esquadra hispano-portugueza? Os historiadores especialistas no assumpto a presentam como causas uma innovação no aparelho que tornava mais ve-



Batalha naval de 1582 defrente da ilha de S. Miguel

leiros os navios inglezes, dando-lhes uma maior presteza na obediencia ás manobras; maior alcance da artilharia naval, despresada pelos marinheiros peninsulares, que preferiam o processo de abordagem e lucta quasi braço a braço; e finalmente a que passassem inoffensivamente por cima d'elles, indo mergulhar do outro lado, as balas dos galões hespanhoes, ao passo que estes, pela sua desmesurada altura, eram um alvo infallivel para as dos inimigos.

A maior agilidade de movimentos nada podia aproveitar á *Revenge* no seu ultimo combate, paralisada como se achava pelas altas naus que a cercavam e lhe quebravam o vento; a superioridade que lhe dava a sua melhor artilharia e a pequena elevação do seu casco, essa é manifesta em todas as descrições do combate.

O chronista insulano de quem se podia esperar alguma noticia pomenorisada do desembarque de Grenville e hospitalisação dos seus doentes na ilha das Flores era fr. Diogo das Chagas, natural d'essa ilha, filho do capitão-mór d'ella á data do acontecimento de que nos occupamos. Mas esse preferiu encher as folhas do seu *Espelho christalino em jardim de varias flores* com nomes de pessoas fallecidas «com opinião de santos» a legar-nos alguma cousa que satisfizesse a nossa curiosidade de conhecer, de representar nitidamente o que fôsse o viver da ilha entregue aos seus pouco desejados hospedes. O episodio da *Revenge* devia ser de lembrança sua, pois pelos nossos calculos devia ter então 8 annos. Mas nem uma palavra consagra especialmente ao caso, nem da esquadra do conde de Essex que lá esteve seis annos mais tarde diz cousa alguma senão que viu os 60 navios fundeados na bahia da Ribeira da Cruz, onde ainda caberiam outros tantos.

A ilha achava-se em 1591 colonizada haveria uns 83 annos. Tinha duas villas e uma freguezia rural além de diversas povoações pertencentes a estas tres freguezias.

Em 1587 começaram as suas infelicidades. No principio de junho d'esse anno, Drake, que voltava de queimar em Cadiz uns 15 navios destinados á Invencível Armada, velejou para os Açores esperando aprisionar alguma nau das Indias Occidentaes, que recompensasse a sua gente dos seus trabalhos e riscos. Cinco dos navios da sua esquadriha appareceram em frente da villa das Lages, para fa-

zer aguada e refresco. Desembarcaram d'elles muitos soldados que se demoraram na ilha á roda d'uma semana, não havendo á sua partida casa, egreja ou capella que não tivesse sido queimada, nas tres povoações principaes. As egrejas, como as invasões se repetiriam depois com frequencia, estiveram cêrca de 40 annos cobertas de palha. Por aqui imagina-se facilmente o resto, o aspecto miseravel das villas em que ninguem se julgava seguro e onde por isso ninguem quizeria aventurar-se a edificações que fôsem muito além da cubata, para perder o menos possível n'essas incursões de fanaticos ferozes, que lançavam fogo a tudo o que não podiam roubar.

Diz Linschoten falando d'esta ilha: «... está aberta a todos, mesmo aos inglezes, por não temer os naturaes meios de os repellar. A uma legua d'esta ilha vê-se uma outra pequena, de perimetro, chamada do Corvo, habitada igualmente por portuguezes. Os navios inglezes pairam ordinariamente entre estas duas ilhas e nas proximidades d'ellas, espiando a volta das armadas occidentaes, o que dá em resultado vierem os habitantes miseravelmente, expostos como estão aos saques d'estes corsarios que os despojam dos seus rendimentos.»

O capitão-mór Matheus Coelho da Costa, pae de fr. Diogo das Chagas, depois da invasão e incendio de 1587, transferiu para a

ilha Terceira a sua residencia; mas a necessidade de olhar pela sua casa obrigou-o a voltar dois annos depois para a ilha das Flores. Esta mesma necessidade

é que impedia os outros proprietarios abastados de a abandonarem de todo. A completa ou quasi completa ausencia de instituições vinculares n'aquella ilha anteriormente ao seculo XVII mostra bem claramente o triste desapego da terra, o desanimo, a incerteza do dia seguinte em que os habitantes viveram perto de meio seculo. A esse periodo chamava fr. Diogo das Chagas «o tempo da perseguição, em que de ordinario os mais dos annos a queimavam».

Passado elle, a ilha voltou a uma prosperidade e abundancia que o chronista descrevia: «E assim quem mora n'esta ilha não lhe falta mais que sama para se coçar, porque é de muito bons ares mui delgados, e as aguas excellentissimas e mui leves, á escolha e pôr-lhe dedo, assim que os moços d'esta ilha ordinariamente são habiles e dê mui agudos entendimentos e ingenio e de raras habilidades, como bem tem mostrado os que se tem creado nos estados de Angra e muntos por negligencia de seus paes se perdem na ilha, que se cursassem os estudos foram mui grandes sujeitos.»

CARLOS DE MESQUITA.



UM DEBUTE NO CAMPO PEQUENO!



Um sector á cunha—Jayme Cadete
—Os agradecimentos

Na corrida que se realizou na praça do Campo Pequeno em festa artistica do bandarilheiro Jorge Cadete, em 19 do corrente, estreiou-se, com um completo successo, seu filho Jayme Cadete.





AS CRIANÇAS PORTUGUEZAS SÃO BELLAS E FORTES?

Ha duas semanas que o grande salão da *Illustração Portuguesa* está recebendo a visita quotidiana de um grande numero de crianças de Lisboa, que vem inscrever-se e sujeitar-se ás operações preliminares da exposição infantil que o *Seculo* está promovendo. São muitos milhares de crianças de Lisboa, de ambos os sexos e de todas as categorias sociais, que n'estes dias teem sido pesadas, medidas e examinadas pelos illustres medicos colaboradores benemeritos da obra emprehendida. Tem sido, desde o inicio da inscrição, um desfile ininterrupto, que começou logo no primeiro dia por cerca de mil crianças, e cuja intensa corrente não diminuiu ainda. Agora mesmc á hora a que estamos aqui escrevendo, chegam-nos os echos da interminavel galreada que lá vae no salão e de vez em quando chegamos á porta a deitar uma vista de olhos áquelle pittoresco espectáculo de duzias de crianças, com os vestuarios mais variegados, que as mães não conseguem conter, e que, conforme o seu humor de occasião, se prestam gentilmente ao respectivo exame ou protestam mais ou menos violentamente.

A idéa do *Seculo*



A inscrição: A sr.^a D. Virginia Quaresma preenchendo a uma concorrente

A sr.^a D. Virginia Quaresma preenchendo a uma concorrente

é simples e de uma utilidade pratica que desnecessita ser evidenciada, de tal modo ella se impõe. Dividindo as crianças que concorrerem á exposição em tres grupos pelas suas edades, estabeleceu para cada um d'esses grupos tres premios pecuniarios, que serão respectivamente attribuidos ás tres crianças, que, em cada um d'elles, apresentarem melhores condições de robustez ou de belleza (2.^o e 3.^o premios) e ambas essas qualidades conjuntamente (1.^o premio). O primeiro grupo comprehende as crianças até dois annos, o segundo as de dois a cinco annos, o terceiro as de cinco a dez.

Como se vê, o pensamento inspirador é o



A operação da pesagem das crianças até um anno: Os srs. drs. Julio Fortes, Jorge Cid e Annibal Camara Pires e a enfermeira D. Capitolina auxiliados por dois redactores do *Seculo*

de incitar o desenvolvimento das boas praticas da alimentação e do tratamento das crianças durante as primeiras edades, que infelizmente são tão descuradas geralmente, trazendo como triste consequencia o abastardamento da raça. E', pois, uma iniciativa que não podia deixar de ser acolhida com sympathia por todos quantos se interessam pelo problema infantil em Portugal, e que naturalmente devia tambem despertar o interesse das mães, e o melhor testemunho d'esse facto está exactamente na grande concorrencia de crianças que acudiu ao convite do *Seculo*.

Este concurso constitue, por



A pesagem de um bello exemplar
pelo sr. dr. José Fernandes
e pela enfermeira
D. Capitolina

dicas a seguir na criação e educação das crianças, de que o *Seculo* está fazendo uma intensiva propaganda, é, porém, a melhor prova de que a situação comporta remedio e de que o proseguimento n'esta obra em beneficio da infancia será verdadeiramente proficuo.



Na pesagem: Os srs. drs. D. Maria do Carmo,
José Fontes, Julio Fortes e Tovar de Lemos
Na craveira: o^o.92 de altura

(CLICHÉS DE BRNGLIEL)

assim dizer, a primeira parte da projectada exposiçao infantil, devendo a segunda constar de um certamen ou especie de revista completa de tudo quanto se refere á criança, desde o biberon até ao brinquedo, desde o bibe até ao caderno de estudo.

Tal é o plano completo da tentativa que o *Seculo* está pondo em execucao e cujos resultados desde já, pelo entusiasmo e applauso com que o concurso tem sido acolhido, se nos afigura que hão de ser brilhantemente auspiciosos.

A opportunidade da idéa, essa impõe-se de uma maneira indiscutivel, e bastaria, de resto, assistir em qualquer dos dias, ao desfilar das crianças que teem vindo inscrever-se ao salão da *Illustração Portuguesa* e reparar na grande percentagem de exemplares fracos e defeituosos, que ainda subsiste apezar da selecção que os concorrentes representam já em relação á população infantil da capital, para a reconhecer, se fosse preciso.

A forma como principiam a ser accetees algumas indicações hygienicas e recommendações me-



PORCELANAS PORTUGUEZAS

A FABRICA DA VISTA ALEGRE



Vista da fabrica do lado do rio



J. F. Pinto Basto, o fundador da fabrica

A pittoresca povoação da Vista Alegre fica a pouco mais d'um kilometro da villa de Ilhavo, a cujo concelho pertence. E' banhada pelo braço da ria que passa a Ilhavo e segue para Vagos e Sôza,

exercitou n'ellas com entusiasmo a sua paixão pelo engrandecimento publico, e os seus sentimentos de beneficencia.

.....
 «... eleva-se logo um grande estabelecimento industrial. Não se ordenava uma empreza conhecida, creavase uma industria. Era necessario estudar os seus methodos, reunir os socorros da sciencia, levantar tudo dos elementos primitivos. O homem que concebe esta idéa busca preencher todas aquellas indicações, e no seu empenho em dar vulto a um pensamento predilecto entrega-se a trabalhos estranhos á sua educação.

«Todas as artes auxiliares d'aquella bella industria são ali ensinadas e praticadas; talentos condemnados a guiar o arado vão ahi dar documentos da

terminando no Bócco.

O viajante que sair na estação do caminho de ferro d'Aveiro, tem boa estrada que o conduz áquella povoação, cuja distancia é apenas de 7 a 8 kilometros. Chegado ali e no topo d'um grande largo circundado d'árvores seculares, depara com a modesta frente da afamada fabrica de porcellana da Vista Alegre fundada em 1824.

Do lado esquerdo, e formando quadrado, está a magestosa capella, digna de ser visitada pelos primorosos trabalhos em marmore, pelas bellas pinturas do tecto e pelos seus bons azulejos.

Eis a rapidos traços a descripção da Vista Alegre, cujo nome lhe advem de estar recostada sobre uma collina, na margem da ria, que lhe banha os pés, e em cujas crystallinas aguas ella se mira vaidosa, ufanando-se dos campos que em volta verdejam e das aves que gorgeiam em torno.

O fundador da fabrica foi o sr. José Ferreira Pinto Basto, o patriarcha da respeitavel familia que ainda hoje a dirige e a respeito do qual recortamos alguns periodos do elogio historico pronunciado, no Conservatorio Real de Lisboa, pelo grande orador José Estevão Coelho de Magalhães, em 1839, anno em que a morte prostrou aquelle activo e infatigavel trabalhador:

«Dominado profundamente das tendencias do seu tempo, votou todo o cabedal do seu espirito, toda a copia dos seus meios ás emprezas industriaes, e



Um dos modelos novos enviados á exposição do Rio de Janeiro

nossa aptidão universal; e a mocidade recebe, com meios novos de subsistência, uma educação collegial.

«A' custa de perseverança indomável, são creados tamanhos esforços, e funda-se assim a nossa independência em um ramo de industria destinado não só a satisfazer precisões e commodos domesticos, mas até os extremos da civilisação material.»

Homens d'esta estatura, que assim levantam um padrão de industria activa e importante, bem merecem as benções da patria e da humanidade.

A Real Fabrica de Porcellana da Vista Alegre é um dos estabelecimentos industriaes nacionaes que mandaram productos á exposição do Rio de Janeiro, e o seu mostruario não po-

castanho. O pedestal é de fórma circular, guarnecido com filetes dourados.

As azas são formadas por uma sereia recostada sobre o bojo do vaso e com as mãos suspensas a um ornato que completa esta peça.

Estes ornatos são dourados e as sereias coloridas com admiravel gosto.

Equalmente devem despertar a attenção outros dois vasos mais pequenos com fundo azul de Sévres, tendo um d'elles o retrato de S. M. El-Rei D. Carlos e o outro o de S. M. a Rainha D. Amelia, emoldurados n'uma oval, com ornatos de ouro nacional, estylo Luiz XV, sombreados a encarnado; bem como ainda um outro vaso, tambem com fundo azul de Sévres, sereias douradas com ouro nacional e ornatos com ouro polido.



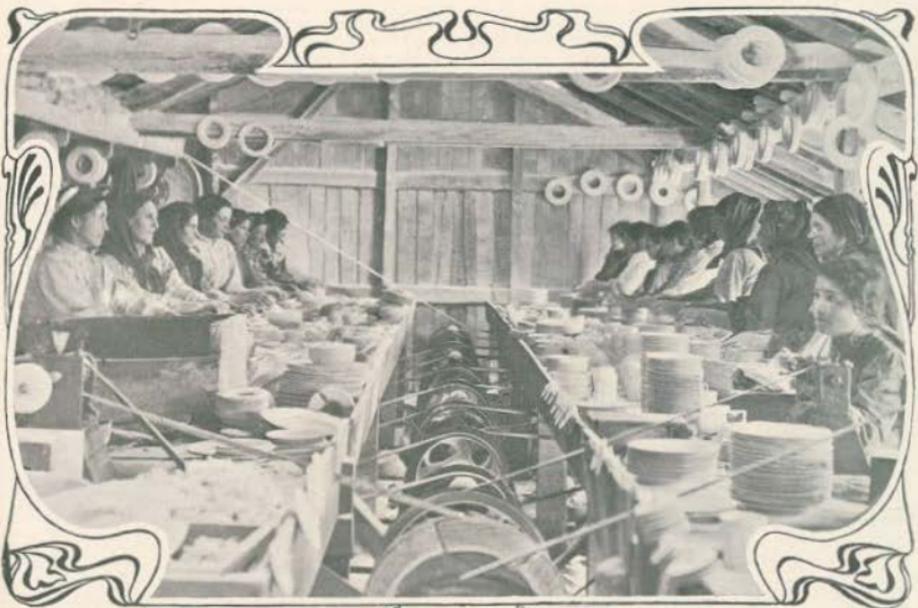
A officina onde se executa a pintura da louça

derá deixar de despertar ali justificado interesse. N'elle destaca principalmente um rico e elegante vaso, cuja photographia reproduzimos, e que recebeu o nome de «Vaso Rousseau» em homenagem ao seu auctor, um distincto artista, que esteve á frente da officina de pintura, oriundo da grande nação onde ha tres seculos foi creada a arte ceramica por Falissy e que ainda em 1900 reuniu na sua capital todas as maravilhas por ella produzidas até ao final do seculo XIX.

O vaso mede 0^m,85 d'altura e é composto de 5 peças. Tem o retrato de S. M. a Rainha D. Maria Pia, feito a pincel, emoldurado com ornatos de ouro nacional, sombreados a encarnado. O fundo é

Além de varios outros productos, taes como diferentes servicos de mesa, que compõem o mostruario da Real Fabrica de Porcellana da Vista Alegre, destacam ainda no respectivo mostruario uma jarra destinada a centro de mesa, com fundo azul de Sevres e flores douradas, e uma bilha para agua, guarnecida com uvas e parras.

A representação da fabrica da Vista Alegre no certamen brasileiro será, pois, uma das que mais lisongeiramente honrarão a nossa industria artistica, e por isso aproveitamos a oportunidade para offerecer aos leitores da *Illustração Portuguesa* a série de documentos graphicos relativamente áquelle estabelecimento que acom-



Officina da lapidação

dos fundos da louça

panham este artigo e que certamente serão vistos com curiosidade.

A Vista Alegre é a nossa unica fabrica de porcellana, e por isso a sua producção é muito importante e com um augmento crescente. Creada, como dissémos, em 1824, e situada na visinhança de um grande deposito de kaolino, a fabrica tem, pois, desenvolvido constantemente a sua producção industrial com a maior facilidade, tendo d'este modo alcançado uma magnifica prosperidade.

Não podia, pois, este estabelecimento, collocado em condições tão vantajosas, deixar de concorrer á grande exposição que vae realisar-se na formosa cidade que se debruça sobre a vasta e magestosa bahia do Guanabara.

Portugal, que tem prestado relevantes serviços á civilização, que descobriu metade do globo, não devia deixar de se fazer representar n'esse certamen, affirmando a sua vitalidade e tambem assim o comprehendieram os nossos productores, que não se negaram a cooperar na nossa condigna representação no paiz irmão, n'essa opulenta e joven nação, alimentada pela vigorosa seiva americana, aquecida pelo sol radioso dos tropicos, onde se vae perpetuando a lingua portugueza falada, além do Atlantico, ao sul da America, por uma população de cerca de quinze milhões de habitantes.

Estreita relações com o Brazil é d'uma incontestavel vantagem. Concorrer a esse certamen com todos os productos da nossa industria é uma medida de grande alcance, que é superfluo encarecer, sendo tambem um dever de cortezia e de deferencia, com o qual correspondemos á gentileza do governo d'essa florescente nação, á qual estreitamente vinculámos as nossas sympathias e interesses, estreitando a cadeia d'affectos que nos une a esse povo, nosso irmão nas affinidades de idioma e ascendencia, apesar de nos separar esse immenso Oceano, mas além do qual re-

brilha para Portugal com o seu radioso cortejo d'astros—o Cruzeiro do Sul.

Os nossos votos mais sinceros pelas prosperidades do Brazil e pelo exito mais lisongeiro e mais proficuo do proximo certamen.

Ihavó.

MANUEL FERREIRA DA CUNHA.



UMA GARRAIADA EM ALGÉS
ORGANISADA PELO REAL CLUB TAUROMACHICO



Os niños de Sevilla
Limeno e Gallito,
de aguazis

Um aspecto da concorrência na corrida promovida na praça de Algés pelo Real Club Tauromachico de Lisboa em 20 do corrente

Uma boa vara

O touro assustado deante do matador

A cuadrilla descauçando
(Clichés de Benoliel)



Meio seculo de successo
ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe
de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente,
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.
A'onda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris

L'Epil'vite **CREME EPILATORIA**
L'Epil'vite prompto a ser empregado.
Resultado garantido.
Perfumada, dissolve
instantaneamente as pennungens desengraçadas, a
barba, os pelos os mais duros do rosto e do corpo.—
Não produz horbulhas, não irrita a pelle a mais delicada
M. A. GRAZIANI, Pharm^o de 1^a classe, 63 Rue Rambuteau, Paris.
Epil'vite exp. Portugal: CURIEL & DELIGANT, 19, R. do Arco a Jesus, Lisboa.
Preço do frasco pequeno 800 Reis e do frasco grande 1.400 Reis.

LOÇÃO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS
Unico producto scientifico apresentado na Academia
de Medicina de Paris contra o microbio da
Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo.
L. DEQUEANT, Pharmaceutico, 38, Rue Clignancourt, Paris
Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem deve-se
dirigir para todas as Indicações gratuitas.
A' VENDA em TODAS as BOAS CASAS do PORTUGAL.

AGENCIA  R. Bella da Rainha, 8
de viagens LISBOA

Ernst George

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro
para todas as partes do mundo sem augmento nos preços.
Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia,
Suissa, Alemanha, Austria, etc., etc. Viagens ao EGYPTO e
no Nilo. Viagens de recreio no MEDITERRANEO e ao CABO
NORTE. Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as
cartas de credito. Cheques para hotéis.

Viagens baratissimas á TERRA SANTA

PRISÃO DE VENTRE HABITUAL

ALCINA HOUDÉ

ENXAQUECAS
FALTA DE APPETITE

A. HOUDE, 29, Rue Albouy, Paris, C

DISPONIVEL

Farinha lactea  **Nestlé**

Preço 400 réis

36 medalhas de ouro incluindo a conferida
**** na Exposição Agricola de Lisboa ****

OS SENHORES CONHECEM AS EXTRAORDINARIAS MARAVILHAS DE QUE TODO O MUNDO FALA NA ACTUALIDADE?

Os discos Gramophone

Gravados com o novo systema Italiano. Todos podem ouvir
estes discos, ou pedir os catalogos para a casa Francesco
Stella, Rua d'Assumpção, 59, 2.º.—LISBOA. Unico depositario
do artigo exclusivo da COMPANHIA FRANCESA DO GRAMOPHONE.

DISPONIVEL

DISPONIVEL

A EQUITATIVA DOS Estados Unidos do Brazil

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida

AGENCIAS

NAS
Principaes cidades, villas
do reino,
Madeira, Açores e provincias
ultramarinas

PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DE PORTUGAL

Julio Marques de Vilhena

CONSELHEIRO D'ESTADO

FILIAL EM PORTUGAL:

Largo de Camões, 11, 1.º — LISBOA

FILIAL EM HESPAÑHA:

Calle de Alcalá, 12 — MADRID

SUCCURSAL NO PORTO:

Rua dos Carmelitas, 100, 1.º

SUCCURSAL EM BARCELONA:

Calle Pelayo, 20

Extracto do ultimo balanço de 30 de junho de 1906:

Negocios realisados	750.000:000\$000
Novos negocios propostos (1905-1906)	90.853:809\$939
Reserva e Garantias	10.647:572\$618
Recelta annual (1905-1906)	2.954:467\$417
Excedente da Recelta sobre a Despeza (Id.)	1.505:848\$809
Sinistros pagos	3.761:245\$024
Apolices sorteadas	641:000\$000

A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

é incontestavelmente a mais solida

das sociedades de seguros mutuos sobre a vida, da America do Sul. É a unica
que adopta o vantajoso plano de seguros com sorteio semestral em dinheiro.

Séde Social

NO EDIFICIO DA SUA PROPRIEDADE

Avenida Central n.º 125, RIO DE JANEIRO

**SEGUROS DE VIDA, RENDAS VITALICIAS
E DOTAÇÕES INFANTIS**

REMETTEM-SE INFORMAÇÕES E TABELLAS SOB PEDIDO